

EF63 **Versão Oficial – Orlando Silva**
ESTÚDIO F - programa número 63

Á U D I O

T E X T O

Música-tema entra e fica em BG;

Locutor - A Rádio Nacional apresenta
ESTUDIO F,
Momentos Musicais da Funarte

Apresentação de Paulo César Soares

Paulo César :

- Alô, amigos! No programa de hoje, um intérprete que reinou na música popular brasileira, entre os anos 30 e 40. Numa época em que os meios de comunicação não tinham força para impor ídolos, ele alcançou uma posição de destaque graças ao seu talento para interpretar os mais variados gêneros musicais. Sua voz privilegiada lhe valeu legiões de admiradores que o transformaram no “Cantor das Multidões”.

Entra “Súplica”, fica pouquíssimo tempo e cai em BG.

Paulo César: - O Estúdio F – Série Intérpretes revive a chamada Era de Ouro da MPB no canto de Orlando Silva.

Sobe o som e rola até o final

Paulo César:

- “Súplica”, composição de Otávio Gabus Mendes, José Marcílio e Déo, foi um dos grandes sucessos de Orlando Silva. Esse carioca, nascido em três de outubro de 1915, no bairro do Engenho de Dentro que, desde muito cedo, manifestou sua vocação artística. Com apenas 19 anos, ele estreou profissionalmente no programa de Francisco Alves na Rádio Cajuti. Essa apresentação aconteceu depois que o “Rei da Voz”, a pedido do compositor Bororó, concordou em ouvir o jovem cantor. Tal audição aconteceu em plena Rua Chile, no centro do Rio de Janeiro. Orlando cantou “Malandro Sofredor” de Ary Barroso e “Mimi” de Uriel Lourival, dois sucessos do repertório de Sílvio Caldas. Após ouvi-lo, Chico Alves entusiasmou-se com o talento do rapaz, e decidiu lhe abrir as portas da fama. E, assim, no dia 23 de junho de 1934, os ouvintes puderam conferir o estilo revolucionário de cantar daquele que se tornaria um dos maiores intérpretes brasileiros de todos os tempos.

Entra “Carinhoso” e rola inteira.

Paulo César:

- “Carinhoso” de Pixinguinha e João de Barro foi um dos grandes sucessos da carreira de Orlando Silva e, curiosamente, um dos muitos choros que alcançaram repercussão em sua voz. Segundo Jonas Vieira – biógrafo do cantor -, isso pode ser explicado após uma investigação atenta da biografia de Orlando. Afinal, o artista nasceu e cresceu num tempo em que os músicos do Rio de Janeiro consolidavam o chorinho como um gênero brasileiríssimo. Um desses músicos era o pai de Orlando, José Celestino da Silva, violonista cuja casa era freqüentada pelos chorões mais famosos da época, entre eles Pixinguinha. Filho legítimo, portanto, do mais genuíno choro carioca, Orlando tomou emprestado do gênero, além da riqueza melódica, rítmica e harmônica, o sentimento necessário para seu modo de cantar que fez escola.

Entra “Rosa” e rola inteira.

Paulo César: - A valsa-canção “Rosa” de Pixinguinha é um bom exemplo de como Orlando reunia em seu canto o seresteiro e o boêmio, o refinamento e a simplicidade. Não foi à toa que “Rosa” se tornou um dos maiores sucessos do cantor e também a música favorita de sua mãe, Dona Balbina Garcia da Silva. A primeira gravação da música, em 1937, contou com os acompanhamentos de Pixinguinha e Radamés Gnattali – dois dos grandes ídolos de Orlando, que voltou a regravar a canção em 1961. Entretanto, com a morte de sua mãe em 1968, ele decidiu nunca mais cantar a música que Dona Balbina adorava, pois as recordações lhe comoviam exageradamente, prejudicando sua performance. Mas nem tudo era tristeza no repertório de Orlando. Ele também teve vários sucessos carnavalescos como “A Jardineira” de Benedito Lacerda e Humberto Porto. Porém, o seu primeiro hit momesco foi “Abre a Janela”. A composição de Roberto Roberti e Arlindo Marques Júnior conquistou os foliões em 1938.

Entra “Abre a Janela” e rola inteira.

Paulo César:

- “Abre a Janela” fez parte da vitoriosa temporada que Orlando Silva realizou na capital paulista em janeiro e fevereiro de 1938. Na ocasião, ele com apenas 22 anos, chegou a cantar para multidões que se formavam em frente ao prédio da Rádio São Paulo, na avenida sete de julho. Depois dessa primeira apresentação na paulicéia, ele voltou à cidade em outubro do mesmo ano para um recital no Teatro Coliseu. Foi um verdadeiro delírio, com casa lotada e mais de duas mil pessoas tentando entrar. Orlando Silva dizia sempre que São Paulo foi o primeiro estado brasileiro a reconhecer sua arte e que não podia sair de lá sem cantar “Nada Além”. O fox-canção de Mário Lago e Custódio Mesquita era a música do repertório de Orlando preferida pelos paulistas.

Entra “Nada Além” e rola inteira.

Paulo César:

- No próximo bloco, o ciclo romântico de Orlando Silva e outros grandes sucessos.

Locutor:

- Estamos apresentando Estúdio F, Momentos Musicais da Funarte.

I N T E R V A L O

- Insert Chamada Funarte

Bloco 2

Locutor: - Continuamos com Estúdio F
Entra “Nada Além”, rapidamente cai em BG e permanece brevemente durante a fala de Paulo César.

Paulo César: - Na volta ao Rio de Janeiro, depois do sucesso em São Paulo, Orlando Silva passou a ser chamado de o “Cantor das Multidões”. O título lhe foi dado por Oduvaldo Cozzi, locutor e diretor artístico da Rádio Nacional, emissora da qual Orlando fazia parte do elenco desde 19 de setembro de 1936. O cantor entrou para a Rádio Nacional numa época em que as emissoras ampliavam sua potência, inauguravam auditórios mais espaçosos e esforçavam-se para ter seu próprio elenco. Além disso, a música brasileira dava saltos de qualidade e expansão. O que não era apresentado ao vivo com os próprios artistas era repetido em discos, cuja indústria também florescia. Nesse cenário histórico, Orlando Silva encontrou o espaço perfeito para brilhar. Em março de 1937, lançou o seu primeiro disco que estourou em todo o Brasil. Era um 78 rotações que trazia o sucesso “Juramento Falso”, de Cascata e Leonel Azevedo.

Entra “Juramento Falso” e rola inteira.

Paulo César: - No outro lado do 78 rotações que trazia o samba “Juramento Falso” estava a valsa “Lábios que Beije”, também de autoria da dupla Cascata e Leonel Azevedo. As duas faixas desse disco tiveram arranjos do maestro Radamés Gnattali e foram gravadas sob a regência dele com a Orquestra Victor Brasileira. O registro de “Lábios que Beije” inaugura um novo ciclo da música popular brasileira com a utilização de cordas nas gravações de valsas e canções. A partir disso, tornou-se rotina esse tipo de acompanhamento musical. Essa gravação também foi a primeira de uma série de parcerias entre Orlando e o maestro Radamés, iniciando assim um ciclo romântico na carreira do cantor.

Entra “Lábios Que Beije” e rola inteira.

Paulo César:

- Os discos posteriores lançados pelo cantor na década de 30 repetiram o fenômeno que ocorreu no 78 rotações que trazia as músicas “Juramento Falso” e “Lábios Que Beije”. Ou seja, Orlando Silva era um cantor que fazia sucesso dos dois lados do disco e não apenas com uma faixa. Em 1939, por exemplo, ano considerado um período de prolongamento do enorme sucesso que o cantor fazia no país desde 1937, Orlando lançou pérolas do nosso cancionário como o fox “Dá-me tuas mãos”, de Roberto Martins e Mário Lago e o samba “Perdoar é pra Deus”, de Ary Frazão e Sebastião de Figueiredo. Além de ter lançado esses grandes sucessos, em 1939, Orlando deixou pela primeira vez o eixo Rio-São Paulo e iniciou um ciclo de viagens por todo Brasil. Em todos os lugares pelos quais passava, causava alvoroço ao interpretar canções como “Sertaneja”, de René Bittencourt, lançada em julho daquele ano.

Entra “Sertaneja” e rola inteira.

Paulo César: - Em algumas gravações, é possível verificar uma discreta influência do canto lírico na interpretação de Orlando Silva. O cantor era admirador do gênero. Aliás, um momento marcante em sua carreira foi seu encontro com o famoso tenor italiano Tito Schippa. Orlando visitou o camarim de Tito, após o recital que o artista europeu apresentou no Teatro Municipal do Rio de Janeiro em 1939. Na ocasião, Orlando perguntou a Tito o que devia fazer para ter a mesma técnica e a segurança do cantor italiano. Tito então pediu a Orlando que cantasse uma música lenta. Quando acabou de ouvi-lo, Tito Schippa abriu um sorriso e lhe disse: “Bravo, bravíssimo! Você não precisa estudar nada, continue assim”. A música que o Cantor das Multidões cantou, ali mesmo no camarim, para o tenor ouvir foi “Lágrimas”, de Cândido das Neves.

Entra “Lágrimas” e rola inteira.

Paulo César: - No próximo bloco, Orlando ganha programa de sucesso na Nacional e troca de gravadora.

Locutor: - Estamos apresentando Estúdio F,
Momentos Musicais da Funarte.

I N T E R V A L O

- Insert Chamada Funarte

Bloco 3

Locutor: - Continuamos com Estúdio F

Entra “Lágrimas”, rapidamente cai em BG e permanece brevemente durante a fala de Paulo César.

Paulo César:

- Em 1940, Orlando Silva já era o maior salário da Rádio Nacional. De contrato renovado com a emissora, o cantor brilhava nas noites de quinta-feira à frente do seu próprio programa, no qual recebia artistas e promovia concursos. Um deles era o “Concurso do Samba Inacabado”, cujo vencedor foi Ary Barroso com o samba “Despacho”. Vejam só! Paralelamente ao programa, Orlando continuava a se apresentar pelo país. Em 1941, fez pela primeira vez um giro pelas capitais do norte-nordeste, sendo recebido com verdadeira devoção. Essa turnê gerou episódios interessantes que estão reunidos no livro “Orlando Silva – O Cantor das Multidões”, de Jonas Vieira. Em Fortaleza, por exemplo, Orlando ficou assustado ao ouvir um barulho de estalar de dedos no meio da música “Meu Caboclo”, composição de Laurindo de Oliveira e Junquilha Lourival. Pensou que o público não estivesse gostando de sua apresentação. Orlando não sabia do costume local de reservar os aplausos apenas para o final, a fim de não atrapalhar o número. Na verdade, o estalar dos dedos era um sinal de aprovação para o artista continuar. Aliás, trata-se de uma homenagem difícil de ser conseguida. Em retribuição, Orlando Silva brindava não só o povo cearense, mas todo o Brasil com interpretações antológicas como a da música “Preconceito” de Wilson Batista e Marino Pinto que vamos ouvir na seqüência.

Entra “Preconceito” e rola inteira.

Paulo César: - Orlando Silva iniciou uma nova fase em sua carreira em 1942, quando pôs fim à parceria com a gravadora RCA Victor em virtude de desacordos sobre participação nas vendas dos discos. Mas, antes de ir definitivamente para a Odeon, o cantor registrou na Victor mais alguns clássicos do seu repertório como, por exemplo, “Quando a saudade apertar”, de Leonel Azevedo e Jayme Florence; e o samba “Aos Pés da Cruz” de Marino Pinto e José Gonçalves.

Entra “Aos Pés da Cruz” e rola inteira.

Paulo César: - Na Odeon, o repertório de Orlando não alcançou a mesma repercussão dos tempos de RCA Victor. A nova gravadora não investia tanto na divulgação e, além disso, era uma época de guerra, o que desviava boa parte do interesse do público. Outro agravante foi a vida pessoal tumultuada do cantor naquele momento, uma vez que ele passou a viver, a partir de 1944, um tumultuado caso de amor com a radioatriz Zezé Fonseca. Assim, com muitos problemas pessoais, dependente de drogas e bebidas, Orlando deixou a Rádio Nacional em 1946. Seu imenso público passou a acompanhá-lo reservadamente e até de maneira distante. Mas, apesar da crise, em sua fase Odeon, Orlando não deixou de trabalhar com compositores de excelente nível como Herivelto Martins, Haroldo Lobo, Dorival Caymmi e também de nos brindar com interpretações memoráveis para canções como “Febre de Amor” de Lauro Maia, “Brasa” de Lupicínio Rodrigues, “Duas Vidas” de Pedro Caetano e Claudionor Cruz e ainda “Atire a Primeira Pedra” de Ataulfo Alves e Mário Lago que vamos ouvir na seqüência.

Entra “Atire a Primeira Pedra” e rola inteira.

Paulo César:

- Em 1947, Orlando Silva casou-se com Maria de Lourdes Franco, ao lado de quem conseguiu reestruturar sua tumultuada vida naquele período. Deu início assim a uma busca pela retomada de seu prestígio, em parte perdido. Cinco anos depois, em 1952, o cantor voltou à Rádio Nacional para substituir seu ídolo e padrinho musical Francisco Alves, morto tragicamente num desastre de automóvel em setembro daquele ano. Orlando assumiu o comando do programa “Quando os Ponteiros se Encontram”, que ia ao ar todos os domingos. A partir daí, o Cantor das Multidões, além de hábitos mais discretos, adotou também uma voz mais impostada. Até sua morte em 7 de agosto de 1978, vitimado por um derrame cerebral, Orlando Silva apresentou-se na televisão, fez shows pelo país e regravou antigos sucessos como o fox de Guilherme Pereira “A Última Canção”.

Entra a “A Última Canção” (reduzir a parte instrumental introdutória que é enorme) e rola inteira.

Entra música-tema do Estúdio F e fica em BG;

Paulo César: - O programa de hoje foi roteirizado pelo jornalista Cláudio Felício. O Estúdio F é apresentado toda semana pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro e nas Rádios Nacional de Brasília e da Amazônia, emissoras EBC - Empresa Brasil de Comunicações. Os programas da série também são uma das atrações do Canal Funarte. Acessem a nossa rádio virtual. O endereço é www.funarte.gov.br/canalfunarte. Cultura ao alcance de um clique! Você também pode ouvir o programa pelo site da Radiobras: www.radiobras.gov.br. Quem quiser pode escrever para nós, o endereço é: Praça Mauá número 7 - 21 andar, Rio de Janeiro - CEP/ 20081-240

Se quiser mandar um e-mail, anota aí:

estudiof@radiobras.gov.br

Paulo César: - Valeu Pessoal!
Até a próxima!!!

ENCERRAMENTO / FICHA TÉCNICA

